

Rita e a casa arrumada de Serra

EXCESSO DE AMBIGÜIDADE PODE ACABAR CUSTANDO CARO À CANDIDATURA GOVERNISTA

*Rogério L. Furquim Werneck**

Ganhar eleição presidencial nunca foi fácil. Especialmente em um país com eleitorado tão vasto e heterogêneo como o Brasil. Neste ano, a vitória pode exigir a conquista de cerca de 50 milhões de votos. É difícil chegar a tanto, mantendo um discurso absolutamente claro e coerente. É natural que mesmo candidatos bem-intencionados fiquem tentados a ser mais ambíguos do que gostariam. Mais inclinados a omitir detalhes, quando conveniente, e a ser mais prolixos ao discutir como distribuir benesses do que ao propor como repartir custos. Afinal, o sonho de qualquer candidato é poder dizer a cada eleitor exatamente o que ele quer ouvir. É ter um discurso que agrade a gregos e troianos. A grande questão é quão longe se pode ir na trilha da ambigüidade.

São bem conhecidas as incontáveis dificuldades que vêm sendo enfrentadas pelo candidato governista para conquistar o apoio oficial do complexo arquipélago de forças políticas hoje formado pelo PMDB. Muitas das ilhas lhe são hostis. Outras tantas são infreqüentáveis, por excessivamente pantanosas e insalubres. Várias delas são tanto hostis como infreqüentáveis. E, entre as ilhas, as águas têm-se mostrado especialmente traiçoeiras. O plano inicial, que era trazer a bordo, em Pernambuco, um companheiro de chapa de primeira, fracassou. Depois de muito vagar pelo arquipélago, já premido pelo calendário eleitoral e com opções cada vez mais restritas, Serra acabou concluindo que não lhe restava melhor escolha do que deixar embarcar na chapa uma deputada pemedebista com longa folha de ostensiva oposição a FHC.

Até aí, nada demais, diria um tucano, calejado por muitos anos de pragmatismo. Ossos do ofício. O casamento de conveniência seria plenamente justificável pela riqueza do dote que, entre outras maravilhas, inclui os cruciais oito minutos de propaganda eleitoral gratuita na televisão de que dispõe o PMDB. Além do mais, Deus ajudando, vice acaba sendo só vice. Não passa disso. Tomados os devidos cuidados, seria perfeitamente possível evitar que o passado opositor de Rita afetasse a imagem de Serra.

É até aonde dá para esticar o pragmatismo. Mas, na campanha, parece haver planos mais ambiciosos. Há quem queira fazer do limão uma limonada. E, do casamento de conveniência, a história de um grande encontro. Muito ao contrário do que se poderia imaginar, os dois candidatos da chapa teriam sido feitos um para o outro. Algo na linha do “tudo a ver”.

O loquaz marqueteiro de Serra ensaia o argumento: “Muita gente tem dito que a presença dela é incoerente. Seria se ela fosse vice do Fernando Henrique, porque o

Serra representa mudanças.” (*O Globo*, 26/5/2002). E, vai mais longe: “Não vou esconder as votações de Rita com a oposição. Pelo contrário. Vou colocá-la na TV dizendo: ‘Eu votei contra o governo FHC’.” (*Folha de S. Paulo*, 2/6/2002). Caso a pirueta mercadológica prospere, o distinto público, que ainda tenta discernir em que mesmo Serra difere de FHC, será afinal claramente informado de que na questão da responsabilidade fiscal, na qual a oposição de Rita Camata ao governo se tornou mais notória, há importantes diferenças a se ter em conta, entre o candidato e o presidente.

A história do grande encontro pode vir até a soar convincente para “dona Maria”, a decantada e onipresente eleitora imaginária que parece ser a estrela guia do marqueteiro. Mas é difícil imaginar como o endosso implícito das posições de Rita Camata contra as propostas de ajuste fiscal de FHC pode vir a contribuir para o sucesso da candidatura Serra.

Como mostra a crescente inquietação do mercado financeiro com a proximidade das eleições, torna-se a cada dia mais importante que Serra adote de vez um discurso inatacável de inequívoco compromisso com a responsabilidade fiscal. E é bom reconhecer que, nesse aspecto, as credenciais de FHC são incomparavelmente melhores do que as de Serra. Portanto, bem faria o candidato se, na adoção de um discurso crível de inarredável compromisso com a responsabilidade fiscal, procurasse se colar tanto quanto possível na excelente imagem que FHC conquistou nessa área. Mais precisamente, na imagem do FHC do segundo mandato, já insensível à argumentação fiscal inconseqüente a que foi exposto nos seus primeiros quatro anos de governo.

Além das reações de “dona Maria”, há muito mais a se ter em conta. Há outros olhos, bem mais atentos, acompanhando cada detalhe da campanha eleitoral. Tudo indica que a travessia dos próximos meses, até as eleições, será marcada por muita turbulência nos mercados financeiros. O que em nada deve ajudar a campanha de Serra. Mas a turbulência poderá ser em parte amainada, se o candidato governista, além de se manter com chance de vitória, tiver propostas críveis, claras e detalhadas que não deixem dúvida sobre a sustentabilidade do quadro fiscal caso venha a ser eleito. Propostas que não comportam concessões com a ambigüidade e que envolvem bem mais do que simples menções à metáfora da casa arrumada e alusões esparsas ao descalabro argentino.

* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.